

## Sexualidade e sexo (in)seguro entre adolescentes e jovens, dos anos finais, de duas escolas públicas de nível fundamental da cidade de João Pessoa/PB(Brasil)

*José Antônio Novaes da Silva<sup>1</sup>*

*Sônia Cristina da Nóbrega dos Santos Lopes<sup>2</sup>*

*Karina Maria de Souza Soares<sup>3</sup>*

*Clemilson Cavalcanti da Silva<sup>4</sup>*

### **Resumo**

No presente trabalho, apresentamos dados relativos à iniciação sexual, sexo seguro, sexualidade de discentes de duas escolas públicas e algumas informações ligadas à educação sexual presentes em três coleções trabalhadas no ensino fundamental, as quais fazem parte do PNLD 2014. Os percursos femininos e masculinos que os/as encaminham em direção à sexarca são marcados por diferenças ligadas ao gênero, sendo que a entrada na sexualidade adulta ocorre aos 15,8 anos e 13,3 anos respectivamente. As adolescentes negras iniciam sua vida sexual, em média, um ano antes das brancas e que a iniciação sexual sem o uso de preservativo é mais frequente entre as moças do que entre os rapazes. No grupo pesquisado, nenhum dos/as estudantes soube conceituar corretamente o termo sexualidade, que era relacionado aos genitais, ao desenvolvimento do corpo ou à atividade sexual. Os livros avaliados são marcados por um discurso biológico e naturalizante, o qual não privilegia discussões de cunho cultural.

**Palavras-chave:** Iniciação Sexual. Sexo Seguro. Masturbação.

1 Licenciado em Biologia pela UEL. Doutor em Bioquímica pela USP. Professor Associado III UFPB/CCEN/DBM. Integrante do PPGE (Linha de ensino aprendizagem), Comissão de Direitos Humanos, NEABI e professor do DBM da UFPB E-mail: baruty@gmail.com

2 Mestra em Educação, UFPB - Centro de Educação (CE) - PPGE. Coordenadora Pedagógica dos Ensinos Fundamental II e Médio. E-mail: sccnobrega@gmail.com

3 Mestra em Educação, UFPB - Centro de Educação (CE) - PPGE. Professora Titular Efetiva na Prefeitura Municipal de João Pessoa e Professora Mediadora na UFPB Virtual. E-mail: Karina-mss@hotmail.com

4 Mestrando em Educação pelo PPGE/UFPB; Especialista em Educação Ambiental pela (FIP); Bacharel e Licenciado em Ciências Biológicas pela (UFPB); Professor da Educação Básica (Ciências e Biologia); Professor Mediador de UFPB Virtual; E-mail: ccsbio@gmail.com.

## Sexuality and (un)safe sex among adolescents and youth in the final years of elementary school in two public schools of João Pessoa/PB(Brazil)

### *Abstract*

In this paper, we present data on sexual initiation, safe sex, sexuality of students from two public schools and some information related to sexual education present in three different elementary textbooks, which are part of PNLD in the years 2014. It is known that female and male pathways that lead them toward the first sexual intercourse are marked by differences related to gender, with the entry into adult sexuality occurs at 15.8 years and 13.3 years respectively. Our data show that black teenagers begin their sex life, on average, one year before the white ones and that sexual initiation without condom use is more common among girls than among boys. Among the interviewed people, none of them knew properly how to conceptualize the term sexuality, which was related to the genitals, the development of the body or sexual activity. The evaluated books are marked by a biological and naturalistic speech, which does not privilege issues of cultural nature.

**Keywords:** Sexual Initiation. Safe Sex. Masturbation.

## Sexualidad y sexo (in)seguro entre adolescentes y jóvenes, de los dos últimos años de dos escuelas públicas de enseñanza fundamental de la ciudad de João Pessoa/PB (Brasil)

### *Resumen*

En el presente trabajo presentamos datos relativos a la iniciación sexual, sexo seguro, sexualidad de alumnado de dos escuelas públicas y algunas informaciones relacionadas a la educación sexual presentes en tres colecciones de libros didácticos trabajados en la Enseñanza Fundamental, los cuales hacen parte del PNLD 2014. Los recorridos femeninos y masculinos que los/las encaminan en dirección a la iniciación sexual (sexarca), son marcados por diferencias ligadas al género, sabiéndose que la entrada en la sexualidad adulta ocurre a los 15,8 años y 13,3 años, respectivamente. Las adolescentes negras inician su vida sexual en media, un año antes que las blancas, y que la iniciación sexual sin el uso de preservativo es más frecuente entre las chicas que entre los chicos. En el grupo investigado, ningún de los/las estudiantes supo conceptualizar correctamente el término sexualidad, que era relacionado a los genitales, al desarrollo del cuerpo o a la actividad sexual. Los libros evaluados son marcados por un discurso biológico y naturalizante, el cual no privilegia discusiones de cuño cultural.

**Palabras-clave:** Iniciación Sexual. Sexo seguro. Masturbación.

## ***A educação sexual no ambiente escolar***

Desde o surgimento da AIDS, em 1980, que as demandas sociais por projetos envolvendo a sexualidade nas escolas brasileiras aumentaram consideravelmente, não apenas no sentido de prevenir o avanço dessa doença; mas, também, a gravidez não programada na adolescência. A esse respeito, César (2009, p. 38) afirma que “nos últimos vinte anos, após o surgimento da epidemia do HIV/AIDS e o reconhecimento da gravidez de jovens em idade escolar, a sexualidade se consolidou como lugar de fala em torno à ideia de prevenção”. Entretanto, a história da sexualidade e da educação sexual é bem mais antiga. No início do século XX, pedagogos e médicos de vanguarda sugeriam que apenas os jovens recebessem algum tipo de informação sexual. Ocorria a exclusão das meninas, pois se esperava dessas que sua vida sexual apenas existisse após seus casamentos e que seriam iniciadas por seus maridos, os quais foram devidamente preparados (CHAUI, 1991). A idade ideal seria em torno dos 14 ou 15 anos de idade e deveria mesclar informações de cunho religioso e aconselhamentos científicos (JABLONKA, 2013). Havia ainda, de acordo com Sayão (1997), o combate à masturbação e uma preparação da mulher para seu papel natural de mãe e esposa.

Nos anos 30, do século passado, a discussão sobre educação sexual eclodiu na sociedade brasileira num momento em que a sífilis fazia numerosas vítimas (ALTMANN, 2001). A proposta apresentava-se repressiva e voltada para o público masculino<sup>1</sup>. Um exemplo desse tipo de atitude é o livro publicado em 1938, “Iniciação Sexual - Educacional”, de Oswaldo Brandão da Silva, em cuja capa pode ser lido: “Leitura Reservada”, pois a publicação era volta para os meninos. Logo, “As meninas estão excluídas porque não necessitam das informações, visto que não terão vida sexual antes do casamento. Os meninos precisam desta iniciação porque, além de encarregados da iniciação das esposas, correm o risco ininterrupto das atrações do sexo.” (CHAUI, 1991, p. 18).

Durante as décadas de 1960 e 1970, a penetração da educação sexual na escola enfrentou fluxos e refluxos. Na segunda metade dos anos de 1960, algumas escolas

públicas desenvolveram experiências nesta área (ALTMANN, 2001). Uma das demonstrações de resistência ao tema pode ser observada em uma entrevista do escritor Nelson Rodrigues, da revista “Realidade”, em outubro de 1969: “A educação sexual deveria ser dada por um veterinário a bezerras, cabritas, bodes, preás, vira-latas e gatos vadios. No ser humano sexo é amor.” (CAVALCANTE; MORAIS, 2003, p. 238).

As diferentes iniciativas, voltadas para o tema, deixam de existir em 1970 após o pronunciamento da Comissão Nacional de Moral e Civismo que deu parecer contrário a um Projeto de Lei de 1968, propondo a inclusão obrigatória da educação sexual nos currículos escolares. Em 1976, a posição oficial brasileira afirma ser a família a principal responsável pela educação sexual, podendo as escolas, porém, inseri-la ou não em programas de saúde. Os anos de 1980 assistiram à continuação da polêmica. Novos ventos passaram a soprar sobre a questão a partir dos anos 90, sendo que numa pesquisa feita pelo “Datafolha”, em 1993, concluiu que 82% dos adultos que têm filhos aprovam a realização de orientação sexual nas escolas. Com o aumento tanto do número de casos de HIV quanto do número de casos de gravidez não programada, principalmente sobre a população adolescente e jovem, passou-se, novamente, a se atribuir à escola a função relativa à prevenção da AIDS e da gravidez (ALTMANN, 2001).

A discussão acerca da sexualidade e da educação sexual na escola, que também envolve a prevenção ao HIV/AIDS, está sugerida como tema transversal nos novos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (BRASIL, 1998)<sup>2</sup>, elaborados pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), e inserido no conteúdo de Orientação Sexual.

Seu objetivo é o de contribuir para que estudantes possam desenvolver e exercer sua sexualidade com prazer e responsabilidade, dando autonomia aos próprios estabelecimentos de ensino para decidirem a forma de abordar essa temática. De acordo com os PCNs, esse tema se vincula ao exercício da cidadania, na medida em que propõe o desenvolvimento do respeito a si e ao outro e contribui para garantir a todos os direitos básicos - à saúde, à informação e ao conhecimento -, elementos funda-

mentais para a formação de cidadãos/ãs responsáveis e conscientes de suas capacidades.

Dos/das docentes que irão atuar no Ensino Fundamental e Médio, exige-se a transversalidade, uma ação pedagógica a qual não é trabalhada nos cursos universitários, perdendo-se, assim, uma excelente oportunidade de discutir com os/as futuros/as docentes sobre esta forma de atuação.

No ensino médio, um dos campos de que se agregam à Biologia é o da educação sexual, porém, esse não se “apresenta uma disciplina de referência, tendo disso pensado com base em interesses sociais diversos” (MANDARINO; SELLES; FERREIRA, 2009, p. 93), como será visto mais adiante. Um exemplo dessa ausência da educação sexual no ensino de Biologia pode ser encontrado em livros-textos voltados para educadores/as preocupados/as com as questões de ensino e aprendizagem. Um dos exemplos que podem ser citados é a publicação Krasilchik (2004), a qual se compromete a fornecer para os/as docentes desta área do conhecimento um guia para a realização de aulas práticas bem como para a orientação dos trabalhos em sala de aula. Este manual perpassa pelas diferentes temáticas, tais como: o aprendizado de Biologia, a comunicação entre o/a professor/a e o/a estudante ou ainda por perspectivas para o ensino de Biologia, porém nada no que se refere à educação sexual. Uma postura diferenciada é a adotada por Delizoicov; Pernambuco; Angotti (2002), pois, em seu livro voltado para o ensino de Ciências, apresentam um texto, publicado anteriormente no jornal *A Folha de São Paulo*<sup>3</sup>, o qual apresenta a sífilis e a AIDS como avó e neta, respectivamente. No referido texto, as duas doenças não são retratadas por suas características biológicas e naturalizantes, mas por meio de informações históricas e culturais, apresentando a origem de ambas bem como os grupos de pessoas que inicialmente atingiam, e como o perfil das duas morbidades foi se alterando com o tempo.

Hoje as duas doenças coexistem e tendem a se concentrar nos mesmos grupos sociais. A sífilis não atinge mais a aristocracia ou os literatos e artistas; a aids tende, a longo prazo, a deixar de ser típica de “grupos de risco”, como homossexuais, para ser mais uma doença da

pobreza (DELIZOICOV; PERNAMBUCO; ANGOTTI, 2002. p. 226).

A forte ligação da educação sexual com a Biologia praticamente impede que o tema seja discutido por outros/as docentes no ambiente escolar, gerando um grupo de professores/as que, de acordo com Lorencini (1997, p. 93), são “naturalmente preparados” para discutir a temática. Uma ação educativa interdisciplinar poderia, por exemplo, contar com a atuação da: Matemática, a qual discutiria a periodicidade do ciclo menstrual; da Física, que discorreria sobre a resistência dos preservativos; da História, que abordaria aspectos sobre o tema em diferentes populações e épocas; do Português, para abordar a origem e significados de diferentes termos<sup>4</sup>. Uma ação nesses moldes iria vencer a especialização do/a profissional, que muitas vezes o/a impede de perceber a realidade global, pois está fragmentada em parcelas (MORIN, 2010).

Assim, com base no exposto o presente trabalho objetiva traçar/discutir o perfil a respeito da iniciação sexual de discentes do ensino fundamental matriculados/as em duas escolas públicas de João Pessoa/Paraíba, bem como avaliar o conhecimento do grupo de tópicos ligados à saúde reprodutiva, além de descrever o entendimento de 4 docentes a respeito da sexualidade, traçando ainda breves considerações relativas aos livros que os mesmos utilizam em sala de aula na discussão da temática.

### ***Percurso metodológico***

Com o objetivo de discutir a sexualidade bem como a iniciação sexual em duas escolas de ensino fundamental de João Pessoa, um questionário padronizado contendo 60 questões fechadas e 8 abertas, foi aplicado, por um/a dos integrante de nossa grupo, em duas escolas públicas de nível fundamental, sendo que os quesitos: cor, sexo, religião, idade na iniciação sexual sua e do/a participante e religião foram de grande importância, pois nos permitiram fazer uma melhor caracterização do grupo. Optamos por esta metodologia, pois a mesma pode “ser aplicada em um grande número de pessoas ao mesmo tempo, obtendo, assim, dados quantitativos significativos, em relação à população a ser estudada” (MARTINEZ, 1998, p. 70).

O questionário mostrou-se como um instrumento eficiente para a coleta das informações, uma característica também destacada por Aquino; Araújo; Almeida (2006), porém, diferentemente destas, não tivemos dificuldades de entendimento, por parte dos/as discentes que os responderam. O critério de inclusão foi ser estudante das escolas pesquisadas. O banco de dados quantitativos foi construído no programa Excel da *Microsoft* e a planilha gerada foi filtrada por meio de ferramentas deste software (SILVA; FONSECA, 2010). As iniciações sexuais precoces e tardias foram calculadas com base na idade média da sexarca, sendo considerados/as como precoces aqueles/as que se iniciaram sexualmente, até dois anos antes da idade média e tardios até dois anos após.

As três coleções didáticas de Ciências, aprovadas no Plano Nacional do Livro Didático de 2014 e também a entrevista com os/as quatro docentes passaram pela análise de conteúdo de Bardin (2006, p. 38) a qual configura-se como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”.

Foram trabalhadas as seguintes coleções: *Observatório de Ciências*, da Editora Moderna; *Companhia das Ciências*, da Editora Saraiva; e *Projeto Teláris* da Editora Ática. Todas as coleções foram aprovadas pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2014, e serão trabalhadas pelas escolas públicas nos anos de 2014, 2015 e 2016. As categorias escolhidas para serem analisadas nas coleções foram: *sexualidade e parentalidade juvenil*, as quais estão inseridas no contexto da educação sexual.

### **Apresentando nossos protagonistas**

Um total de 937 discentes, sendo 507 (54,1%) do sexo feminino e 430 (45,9%) do masculino, participaram do presente estudo. No que tange à cor/etnia, o grupo era formado por 277 brancos/as (29,6%), 17 indígenas (1,8%), 248 mulatos/morenos/as (26,4%), 158 pardos/as (16,9%), 63 negros/as (6,7%), 168 (17,9%) responderam que não sabiam sua cor e 6 (0,5%) responderam que sua cor era outra. Chama atenção o fato de nenhum/a dos/as alunos/as se autodeclarar como preto/a, enquanto 63 (6,7%) afirmaram ser negros/as. Esta ausência difere dos

dados descritos por Bozon (2006) no qual esta categoria censitária foi principalmente declarada por homens. No presente trabalho, seguindo o realizado por Rosemberg; Andrade (2008) pardo/as, mulatos/morenos/as foram agregados à categoria negro/a que passou a totalizar 469 pessoas (50,1%). A idade média do grupo era de 14,5 anos, a feminina de 14,4 e a masculina de 14,7. A cor é um dado de profunda importância, pois “Indígenas, negros e brancos ocupam lugares desiguais nas redes sociais e trazem consigo experiências também desiguais ao nascer, viver, adoecer e morrer” (LOPES, p.18), e como será visto mais adiante, isso irá influenciar as trajetórias de iniciação sexual.

No que tange a pertença religiosa, 6 (0,6%) dos/as discentes afirmaram ser do candomblé, 560 católicos/as (59,8%), 170 evangélicos/as (18,1%), não responderam ou não apresentam uma crença 131 (14,0 %) e 46 (4,9%) declararam pertencer a outras religiões, tais como a wicca e o judaísmo, por exemplo. De todo o grupo, 24 (2,6%) informaram que são umbandistas. Consideramos importante conhecer o pertencimento étnico-racial e religioso, pois, de acordo com Ciurana (2012, p. 89), “hoje um saber necessário é saber reconhecer as cegueiras do conhecimento. Ver o papel dos mitos, das crenças, das religiões, os *imprintings* culturais em cada um de nós”, pois esses conhecimentos também estão presentes em sala de aula, mas muitas vezes passam despercebidos pela grande maioria dos/as docentes.

### **A iniciação sexual e o sexo (in)seguro dos/as discentes**

Dos/as 937 discentes, 230 (24,5 %) responderam que já haviam vivenciado a primeira relação sexual. O grupo que a experimentou era formado por 64 (27,8 %) de alunas do sexo feminino e por 166 (72,2%) de rapazes. Números estes que nos mostram uma assimetria de gênero, também observada em outros estudos. Chagas et al (2003) descreveram que 66,2% dos rapazes e 15,0% das adolescentes já haviam vivenciado primeiro intercurso. Ribeiro; Silva; Saldanha (2011, p. 86) apresentaram que, a época de seu levantamento a “prática sexual foi afirmada por 31% (N = 2.732) dos jovens, dos quais 64% são do sexo masculino”. Assim

a luz da literatura percebemos que a assimetria já foi previamente detectada em outros trabalhos.

Do grupo que já vivenciou a iniciação sexual, buscamos saber se em sua sexarca foi usado preservativo. Em relação a esta pergunta, obtivemos que das adolescentes apenas 26 (11,3%) e 78 dos rapazes (45,2%) o utilizaram. Um total de 7 discentes (3,0%) não responderam a esta questão. Quando se trata da quantificação do uso ou não de condon no primeiro intercurso Santos et al (2013) demonstraram que o sexo protegido foi realizado por 84% dos rapazes e por 43% das moças, já Ribeiro; Silva; Saldanha (2011) apresentaram valores de 35% e 39% consecutivamente.

A idade média da iniciação feminina foi de 15,8 anos e essas se relacionaram com rapazes que, em média, apresentavam 19 anos. Em relação aos jovens, a idade dos mesmos no momento da sexarca era de 13,3 anos, sendo que a média de idade de suas parceiras foi de 14,1 anos, dados que corroboram com Rua; Abramovay (2001, p. 143), que afirmam “A idade média da primeira relação sexual é significativamente mais baixa entre os alunos do sexo masculino do que entre as estudantes do sexo feminino”. Pensando-se em um panorama local, as idades da sexarca feminina e masculina, por nós descritas, estão abaixo das observadas por Silva; Araújo; Barbosa (2005) os quais reportaram 15,7 e 13,0 anos para os sexos masculino e feminino, consecutivamente. No cenário nacional Castro; Abramovay; Silva (2004) descreveram a idade média das sexarcas masculinas e femininas aos 13,4 e 15,5 anos, respectivamente. Como pode ser observado estes valores apresentam uma flutuação ente as diferentes pesquisas e a este respeito Castro; Abramovay; Silva (2004, p. 212) asseveram que em “algumas capitais, tem-se que os rapazes parecem confiar mais nesse método contraceptivo (de 71,9% a 47,7%)”.

A iniciação sexual das estudantes negras ocorreu, em média, um ano antes das discentes brancas, sendo que as idades foram, respectivamente, 16,7 e 17,8 anos. Entre os rapazes negros e brancos, a idade média da sexarca foi praticamente a mesma: 13,1 e 13,0, respectivamente. Consideramos esta anterioridade da iniciação sexual das jovens negras, ainda como um resquício no nosso pas-

sado escravocrata, pois “desde a época da escravidão a mulher negra é vista como objeto sexual, povoando as fantasias dos homens” (SANTOS, 2009, p. ??), sendo que esta visão sexualizada<sup>5</sup> destas mulheres foi apresentada, prosa e verso, por exemplo por Lamartine Babo em uma marchinha de carnaval de 1930: “Mas como a cor não pega, mulata. Mulata, eu quero o teu amor”.

Estes dados, no que tangem à cor daquele/a que se inicia sexualmente, corroboram os achados de Bozon; Heilborn (2006, p. 172), que descrevem uma homogeneidade na iniciação masculina e que independe, por exemplo, da cor. Esse fato já se altera para as adolescentes, sendo observado que as “brancas começam a ter relações sexuais relativamente mais tarde que as pretas ou pardas”.

Numa perspectiva longitudinal, estudos realizados mostram que a sexarca desprotegida não é uma novidade. Em Maceió, o percentual de uso entre alunos/as matriculados/as em escolas públicas e particulares foi de 49,7% (LEITE, 2001); já entre os/as jovens pertencentes à rede pública de ensino de Salvador, Itabuna e Santo Antônio de Jesus foi de 38,6% (ALMEIDA et. al., 2003). Paiva (1996), por sua vez, ao trabalhar com adolescentes de escola pública de uma escola da cidade de São Paulo detectou que 50% e 48,3% de adolescentes femininos e masculinos, respectivamente, não usaram preservativo em sua primeira relação sexual. Bozon; Heilborn (2006) demonstraram altos valores de iniciação desprotegida entre adolescentes de Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador, sendo que em todas estas localidades a desproteção feminina foi menor que a masculina.

De acordo com Cardoso e Silva (2013), a mídia apresenta uma ação direta na vida dos/as jovens, exercendo um papel explícito no processo de ensino e aprendizagem e na transmissão de valores morais, os quais apresentariam influência sobre sua formação, nível de formação e comportamento. Ao analisarmos o Quadro 1, o qual apresenta a idade da iniciação sexual em diferentes cidades brasileiras, encontramos que essa iniciação ocorre em uma ampla faixa etária que vai dos 13,2 anos na cidade de Cabedelo, Paraíba, até 16,8 anos na cidade de Coremas. Já a iniciação masculina abrange um período que vai dos 12,1 anos de idade até os 14,5 anos.

Tendo-se em mente que muitos/as desses/as adolescentes e jovens encontram-se influenciados/as em grande parte pela televisão aberta e pelo acesso à *internet*, concluímos que ações locais e de cunho cultural exerçam um papel preponderante na decisão da iniciação sexual do/a adolescente. Isso pode ser sugerido devido ao amplo *ranking* de idades que observamos no tocante a essa iniciação. No quadro 01, as localidades que não estão destacadas em negrito correspondem aos dados publicados por Castro; Abramovay; Silva (2004, p. 70).

Quadro 1. Idades da iniciação sexual feminina e masculina em diferentes localidades brasileiras.

Localidade	Feminina	Masculina
Cabedelo <sup>10</sup>	13,2	12,1
Porto Alegre	15,0	14,1
Manaus	15,1	13,9
Rio de Janeiro	15,2	14,4
São Paulo	15,2	14,1
Vitória	15,2	13,4
Maceió	15,4	14,2
Florianópolis	15,5	14,5
João pessoa <sup>7</sup>	15,8	13,3
Recife	15,6	14,2
Salvador	15,6	13,9
Cuiabá	15,7	13,9
Distrito Federal	15,7	14,2
Goiânia	15,7	14,4
Fortaleza	15,8	14,3
Belém	16,0	14,1
Coremas <sup>10</sup>	16,8	14,5

\* Projeto: "Prevenção também se aprende na escola: discussões e atividades sobre sexualidade e saúde reprodutiva com docentes e discentes de duas escolas da rede pública da cidade de João Pessoa."

Como pode ser observado em nossos dados, um percentual de 11,3% e 45,2% de moças e rapazes, respectivamente, fez uso do preservativo em sua primeira relação sexual. As adolescentes que não o utilizaram foram mais lacônicas ao justificarem seu ato. A maioria, das que "explicaram" a falta do uso, apenas dizia que: "não tinha", "foi muito rápido", "ele não quis", "por motivos religiosos". Os rapazes, por sua vez, alegaram: "não gosto de usar", "não tinha", "falta de informação", "não precisava, eu ainda não tinha espermas". E em oito respostas masculinas e uma feminina, surgiu a "lógica" da segurança, pois com aquele parceiro/a não haveria o risco de contrair o vírus da AIDS. Uma lógica, em geral, surge quando se conhece ou se tem um contato maior com a pessoa com qual se dá o

relacionamento sexual, pois o uso do preservativo "é definido em função da percepção que se tem do parceiro/a. Tendencialmente, usa-se a camisinha nos relacionamentos ocasionais" (MONTEIRO, 2002, p. 101). Uma atitude que gera alta vulnerabilidade. Para Tamagne (2013, p. 448), as alegações masculinas contra o uso do preservativo podem estar ligadas à diminuição das "sensações corporais, quando do ato sexual, poderem ser vividas como uma tortura e suscitar o medo do fracasso".

Uma pergunta que também feita para o grupo foi se eles/as sabiam a época do mês na qual haveria chances de ocorrer uma gravidez, no caso de uma relação sexual desprotegida. Do total de entrevistados, 385 (39,4%) adolescentes do sexo feminino e 310 (31,7%) do sexo masculino afirmaram que essa possibilidade seria maior próxima ou durante a ovulação. Mesmo diante desse alto percentual de acerto, não podemos deixar de citar os 28,9% que consideram que o risco é maior próximo ou durante a menstruação. Esse alto índice de acerto esbarra em outro ponto, nenhum dos/as discentes entrevistados/as sabe fazer uma tabelinha e, portanto, não saberia estimar quando o período de fertilidade estaria ocorrendo. Este desconhecimento, de acordo com Paraguassú (2006) estaria ligado a uma falta de orientação, por parte, da família, escola e profissionais de saúde. Em relação a este ponto nossos dados contradizem os apresentados por Castro; Abramovay; Silva (2004, p. 213) as quais afirma que o "conhecimento do período fértil das mulheres, tem-se que ao redor de quatro a cinco de cada 10 alunos responderam afirmativamente, sendo que as meninas, como era de se esperar, possuem maior conhecimento do funcionamento de seu próprio corpo".

Tendo por base a idade média feminina e a masculina da iniciação sexual, quantificamos aquelas iniciações que se deram de forma precoce. Essa entendida como "idade abaixo da média em que rapazes e moças têm sua primeira relação sexual" (GONÇALVES et. al., 2008), e as tardias que levam em conta os relacionamentos sexuais que ocorreram acima desta média. Assim obtivemos que das 64 garotas, 30 (13%) tiveram uma iniciação sexual precoce, valor que subiu para 79 (34,3%) entre os rapazes. A precocidade da sexarca masculina esta próxima da demonstrada por Heilborn; Cabral que foi de 38,7%, já a feminina esteve abaixo do calculado por estes autores 46,5% A iniciação se

deu de forma tardia para 34 delas (14,8%) e para 87 deles (37,8%). Esses resultados revelam uma nítida assimetria de gênero, pois a precocidade da iniciação masculina mostra-se quase três vezes maior que a da feminina.

### **Sexualidade e masturbação**

Uma das perguntas, fechadas, presentes no instrumento de pesquisa foi se “Existe diferença entre sexo e sexualidade”. Havia outra pergunta na qual se solicitava que explicassem “o que era a sexualidade”. A questão foi respondida de forma negativa por 365 discentes (39,5%), afirmativamente por 429 (45,8%), sendo que 143 (11,2%) não responderam a esta questão. Dentre aqueles/as que afirmaram conhecer a diferença e dentre o universo observado, destacamos as quatro respostas abaixo:

<i>Herneith</i> , sexo feminino, turma 8º A.	“Pra mim, sexualidade é quando duas pessoas fazem o ato sexual.”
<i>Benerib</i> , sexo feminino, turma 8º A.	“Sexualidade, pra mim, eu acho que é o sexo, masculino e feminino.”
<i>Amon</i> , sexo masculino, turma 8º C.	“Pra mim, a sexualidade é quando duas pessoas do mesmo sexo transam.”
<i>Semerkheth</i> , sexo masculino, turma 9º A.	“Eu acho que sexualidade é o sexo de cada pessoa, o que a pessoa define ser mentalmente, não só fisicamente como mentalmente também.”

Fonte: Santos, 2014, p. 59.

A dificuldade em se trabalhar o termo sexualidade também foi relatada por Rena (2001 p. 124), que atuando com adolescentes de ambos os sexos, de áreas rural e urbana, afirma que: “Os grupos revelaram grande dificuldade em responder à questão: o que é sexualidade?” “Os que responderam a relacionavam com ficar com alguém, uma pessoa atraente, atração homossexual, encontro de amor, etc”.

### **A masturbação: expressão da sexualidade ou de um tabu?**

Uma prática através da qual a sexualidade se expressa é a masturbação. Sendo assim, investigamos junto ao grupo de discentes se esses/as a praticavam.

Em relação à prática do onanismo, dos/as 937 participantes apenas 301 (32,1%) responderam que a executavam, sendo que 236 (25,2%) afirmaram que não. Dentre os/

as praticantes, apenas 9 (1%) pertencem ao sexo feminino. Os jovens que se masturbam totalizam 292 pessoas (31,3%). Estes números corroboram as pesquisas de Heilborn; Cabral, (2004, p. 10), ao afirmarem que “Antes da iniciação sexual, a experiência da masturbação é conhecida por apenas 15% das mulheres enquanto que os rapazes declaram-na em um percentual de 79%, assinando que a vivência da sexualidade masculina antes da iniciação sexual com parceira passa pela manipulação erótica do próprio corpo.”

Dados Paiva; Aranha; Bastos (2005) demonstram uma maior aceitação da masturbação masculina que saltou de 41,7% em 1998 para 56,3% em 2005. No mesmo período a concordância desta prática entre as mulheres variou, no mesmo período, de 35,9% para 54,3%. Mesmo com o aumento observa-se uma assimetria ligada ao gênero, a qual se reflete nos dados ora apresentados, uma vez que se mostra como uma prática eminentemente masculina (NASCIMENTO; GOMES, 2009).

Ainda em relação a esta pergunta, 400 (42,7%) discentes não a responderam. Esse número nos evidencia que estamos diante de um tema tabu que ainda se mostra cercado de interdições e, portanto, mal resolvido na vida desse grupo. Estes resultados nos chamaram atenção, pois 153 (38,3%) dos/as participantes, que não se masturbam, apresentam uma opinião negativa a respeito desta prática, classificando-a como pecaminosa ou repugnante ou prejudicial à saúde. Desse total, 78 (19,5%) são discentes do sexo feminino e 75 (18,8%) do masculino.

Quando desagregamos a percepção negativa contra a masturbação em função da prática religiosa, encontramos que a mesma é expressa por 45 (11,3%) de evangélicas, bem como por 21 (5,3%) participantes católicas. Entre os rapazes, encontramos que 31 (7,8%), 21 (5,3%), 2 (0,5%) dos que se autodeclaram, respectivamente, como evangélicos, católicos, umbandistas também apresentavam uma visão negativa. Uma articulação entre o exercício masturbatório e religião, nos é apresentada por Heilborn. Cabral, Bozon (p. 229) as quais afirmam que esta prática “é fortemente rejeitada entre os pentecostais de ambos os sexos e suscita indiferença os católicos.” Em relação à articulação entre a sexualidade e a identidade/



prática religiosa, Silva et al (2008) afirmam que umbandistas concebem a sexualidade como um canal que permite a troca de energia, enquanto católicos encontravam dificuldade de discorrer sobre o tema. Em relação às igrejas evangélicas, essas vistas em suas diferentes denominações, Dantas (2010, p. 53) nos apresenta que a

sexualidade aparece nas conversas informais, no cotidiano das relações interpessoais, nos discursos eclesiais e nos códigos de conduta e que [...] Entretanto, o controle sexual não é uma característica peculiar ao protestantismo. O cristianismo de modo geral, desde suas origens, voltou sua atenção à sexualidade a fim de inibir sua expressão, já que a considerava sob uma perspectiva negativa (DANTAS, 2010, p. 53).

Assim, diante do apresentado pela literatura, entendemos que a sensação negativa dos/as umbandistas, em relação à masturbação, ocorre devido a uma forte reverberação do estigma histórico contra esta prática.

A prática masturbatória, ao longo da história humana, está ligada à interdição, à moral e ao pecado e cercada de conotações negativas (SILVA; MOURA, 2008). Um das poucas citações da mesma que foge a esses aspectos é encontrada entre os/as antigos/as egípcios/as<sup>8</sup>, que relatam que a mesma era uma forma dos/as deuses/as criarem outros seres e até mesmo outros deuses, como os “deuses *Shu* e *Tefnut* divindades do ar e da umidade respectivamente” (SILVA, 2012, p. 74), que se formaram do sêmen ejaculado pelo Deus *Atum* após este ter se masturbado. Afora esta visão positiva, são raras as oportunidades nas quais esta prática não seja cercada pelo preconceito e pela discriminação, e provavelmente dada a esta um forte estigma. Na contemporaneidade, principalmente no Ocidente, tem-se observado uma postura mais tolerante em relação à masturbação. Entre os povos tradicionais, Werebe (1998) cita os Trobriandezes, índios do sudeste dos Estados Unidos e os Pukapukans, da Polinésia, como dois exemplos que permitem o onanismo.

Como os números nos demonstram, não há uma grande diferença entre o total de homens e de mulheres que apresentam opinião negativa a respeito do onanismo. Bozon (1995), ao comparar números desta prática entre as mulheres francesas, observa um aumento desta

prática entre elas, mas que ainda permanece inferior ao declarado pelos homens, e este autor pontua que o crescimento da prática masturbatória feminina pode estar aliado a um ambiente cultural mais tolerante.

Diante do quadro exposto consideramos importante ouvirmos e analisarmos a opinião dos/as professores/as a respeito do conceito de sexualidade.

### ***A vez e a voz do/as docentes***

Como pode ser observado abaixo, os/as docentes também não conseguem exprimir, corretamente, o conceito de sexualidade.

<i>Háthor</i> , sexo feminino, 60 anos, 22 anos de magistério:	“Sexualidade é, é porque eu confundo se é o ato de fazer sexo ou é a genitália.”
<i>Nut</i> , sexo feminino, 31 anos, 13 anos de magistério.	“Sexualidade seria o conjunto de, de, de transformações, de, de, não sei, de transformações que passamos né, tanto fisicamente como psicologicamente, né, no sentido de descobertas do corpo, do sexo, eu acho que é isso”.
<i>Isis</i> , sexo feminino, 43 anos, 15 anos de magistério.	“Sexualidade para mim é uma coisa intimamente sua. Um desenvolvimento seu que, muitas vezes, você tem vergonha de expor, né, a sua sexualidade; você conhecer seu corpo, conhecer sua vida íntima, você, unicamente, individual, você”.
<i>Amon</i> , sexo masculino, 30 anos, 01 ano de magistério.	“Eu acho que sexualidade é um tema que tem a ver com atitudes, certo, com a questão de, de, é, amadurecimento, certo? A sexualidade envolve muito a questão de amadurecimento, então é, envolve atitudes, responsabilidades.”

Como se pode perceber pelas falas dos/as docentes, os/as mesmos/as não conhecem e/ou sabem conceituar o que seja a sexualidade e assim, sem o conhecimento do significado do termo acreditamos que não existe a possibilidade de um trabalho realmente educativo, o qual seja capaz de reverter o quando que detectamos junto aos discentes. Nestas falas a sexualidade se transmuta para: sexo, genitália, responsabilidades. Porém, ela, a sexualidade, não deve ser concebida como

uma espécie de dado da natureza que o poder é tentado a pôr em xeque, ou como um domínio obscuro que o saber tentaria, pouco a pouco, desvelar. A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade,

mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder (FOUCAULT, 2011, p. 116).

Caso os/as professores/as ou os/as estudantes busquem pelo conceito do termo sexualidade em dicionários, os quais estão à disposição dos/as mesmos/as nas bibliotecas das escolas, o resultado também não será dos mais favoráveis. Como exemplo, podemos citar o conceito expresso pela Grande Enciclopédia Larousse Cultural (2008, p. 732): “Conjunto dos fenômenos sexuais, ou ligados ao sexo, que se pode observar nos seres vivos”. Souza (2002, p.36) também afirma ser a sexualidade um “conjunto de fenômenos da vida sexuada de um homem e de uma mulher, desde que nascem até o final de suas existências”. O dicionário é uma publicação encontrada, por exemplo, em bibliotecas públicas e nas escolas. O livro de Souza (2002, p. 37), em sua divulgação<sup>9</sup>, indica a publicação como uma sugestão: “Para inserir a orientação sexual no currículo escolar, a obra oferece elementos para discussão e reflexão acerca da sexualidade, valorizando a importância do equilíbrio, da prudência e do bom senso na administração da energia de base que sustenta psicologicamente o ser humano”. O livro é uma referência para se discutir sobre o tema em sala de aula. Assim, as duas publicações convertem-se em fontes para sedimentar uma conceituação errônea da sexualidade.

O termo sexualidade surgiu no século XIX, marcando algo diferente do que apenas um remanejamento de vocabulário. A palavra teria sido empregada, pela primeira vez, em 1845 ou 1859.

Ela designa então apenas o caráter do que é sexuado. Antes da elaboração de nossa *scientia sexualis*, fala-se de “amor” de “paixões”, de “desejos” e “instinto genesiaco”, de “atos carnavais” e “atos venéreos”; os médicos de copulação e de coito. (CORBIN, 1991, p. 528).

A utilização da palavra sexualidade foi estabelecida em relação a outros fenômenos, como o desenvolvimento de campos de conhecimentos diversos; a instauração de

um conjunto de regras e de normas apoiadas em instituições religiosas, judiciárias, pedagógicas e médicas; mudanças no modo pelo qual os indivíduos são levados a dar sentido e valor à sua conduta, desejos, prazeres, sentimentos, sensações e sonhos (ALTMANN, 2001).

Tendo em vista o desconhecimento expresso pelos/as docentes a naturalização do conceito de sexualidade, nos sentimos provocados a buscar, em coleções de livros didáticos, trabalhadas em nosso ensino Fundamental, a chave para o entendimento de nossos resultados.

### ***A educação sexual nos livros didáticos de Ciências: um breve percurso***

O livro didático é o principal instrumento utilizado pelas/os docentes em sala de aula. A partir dele, estes/as profissionais trabalham os diferentes temas que englobam o ensino de Ciências e Biologia no ensino fundamental e médio respectivamente. Dos mais variados temas abordados nas coleções, destacamos os assuntos relacionados à sexualidade e parentalidade juvenil, pois remete ao objetivo do trabalho. Neste contexto educacional, a partir de nossas pesquisas percebemos que o viés abordado nas coleções é principalmente voltada para o biológico, “não valorizando as emoções, os sentimentos e o prazer que envolvem as relações sexuais e afetivas” (WEREBE, 1998, p.187). Nesta perspectiva, apresentaremos algumas considerações acerca de como as coleções abordam essas temáticas.

A avaliação das três coleções, voltadas para o ensino fundamental, todas integrantes do PNLD 2014, produzidas por três editoras diferentes, nos mostra que estas produções oscilam ao redor de um ponto central, visto que elas apresentam os mesmos temas, apenas com denominações diferentes e abordagens levemente diferenciadas, porém todas expõem um forte foco no natural e no biológico.

Ao observar a estrutura e organização dos conteúdos propostos na primeira<sup>10</sup> coleção, ficou evidente que os temas são direcionados para as questões biológicas. Nesta compreensão, cada professor/a cooperará com o estudo dentro da sua própria ótica, sobre diversos ângulos, mas

sem existir um rompimento entre as fronteiras das disciplinas. Em definição dada por Nicolescu et. al. (2000), a multidisciplinaridade corresponde à busca da integração de conhecimentos por meio do estudo de um objeto de uma mesma e única disciplina ou por várias delas ao mesmo tempo. Este tipo de pesquisa traz contribuições significativas para uma disciplina específica, porque “ultrapassa as disciplinas, mas sua finalidade continua inscrita na estrutura da pesquisa disciplinar” (NICOLESCU, et. al., 2000, p.14). Dessa forma, são poucos os momentos em que os assuntos são contextualizados para outro ponto de vista, como exemplo, o social, o cultural, o histórico e o religioso. As atividades propostas nesta coleção seguem o mesmo padrão metodológico dos conteúdos. Assim sendo, é notório que este material não está seguindo as orientações atribuídas pelos PCNs ao tema em questão, visto que tal orientação aborda apenas os conceitos biológicos.

A segunda<sup>11</sup> coleção, apesar de ser de outra editora, segue a mesma estrutura da primeira, apresentando as mesmas ausências de conteúdos, isto é, não traz discussões sobre os aspectos sociais, culturais e históricos da sexualidade. Nesta, a única mudança é de autoria, pois, no que se refere ao caminho conceitual e à estrutura dos conteúdos, esses seguem o mesmo padrão da primeira editora. Quando comparamos as duas primeiras coleções com a terceira<sup>12</sup>, percebemos que nesta o autor consegue avançar um pouco mais, tanto nos conteúdos quanto nas atividades. Entretanto, o pensamento metodológico ainda é multidisciplinar, visto que não encontramos no livro uma inter-relação com outras áreas do conhecimento, ou seja, os conteúdos são explicados apenas sob a ótica dos conhecimentos naturalizantes, carecendo, então, das explicações sociais, históricas, culturais, religiosas, etc., para os temas analisados. Bochniak, (1992) sinaliza que é fundamental para o sucesso educacional ultrapassar a concepção multidisciplinar estabelecida na educação tradicional. Segundo este autor, uma alternativa é a concepção interdisciplinar, a qual supera a fragmentação do saber instituída no currículo formal, corroborando a ideia de que o artifício de ensino-aprendizagem deve ser um “processo de participação, reciprocidade, mutualidade, diálogo que caracterizam não somente as disciplinas, mas todos os envolvidos no processo educativo” (BOCHNIAK, 1992).

Um assunto constante em todas as coleções são os aparelhos reprodutores, feminino e masculino, os quais são apresentados, ao longo do ensino fundamental, no componente de Ciências e no de Biologia no ensino médio. Todavia, Sayão (1997, p. 98) questiona sobre a ausência de “informações, preciosas para a vida prática dos jovens, sobre o corpo”.

Os temas propostos pelas três coleções constituem parte dos chamados Temas Transversais, os quais estão presentes nos PCNs e a respeito dos mesmos Veiga-Neto afirma que

poderemos considerar que os temas transversais fazem bem mais do que se proclama; além de introduzirem, no currículo, assuntos da atualidade que não deixam de ser da maior importância – como as relações étnicas, os problemas ambientais etc. –, eles podem estar operando no sentido de criar ou facilitar novas percepções espaciais que, ao mesmo tempo em que reconhecem os lugares específicos – ou lugares epistemológicos e simbólicos traçados pelas disciplinas –, eles pressupõem, num outro plano, uma continuidade sem barreiras, capaz de servir de amplas vias para a fantasmagoria (VEIGA-NETO, 2002, p. 219).

Aqui entendemos a fantasmagoria como um quadro discursivo, o qual (des)informa e que contribui para a formação do panorama descrito neste trabalho a respeito da sexualidade, iniciação sexual e sexo seguro. Os/as docentes, nas salas de aula, dialogam com seus estudantes, apresentados a eles/as um determinado conteúdo, mas se nos anos 30 do século XX, a educação sexual era higienista, na atualidade, ela se mostra naturalista e acultural, e este tipo de posicionamento pode contribuir para um distanciamento do/a discente para com o conteúdo.

### **Considerações finais**

O presente trabalho apresenta dialoga com temas relacionados a sexualidade e seu exercício, saúde reprodutiva e o ensino destes temas em sala de aula e a forma como os mesmos são apresentados em três coleções voltadas para o ensino Fundamental.

Nossos dados, em consonância com a literatura, nos mostram que a iniciação sexual foi vivenciada, em maior número pelos rapazes do que pelas moças, indicando que a passagem para uma sexualidade adulta é profundamente marcada pelas questões de gênero. A trajetória que leva a esta iniciação é marcada por diferenças entre os/as parceiros/as. O uso do preservativo, por exemplo, é mais frequentes entre os rapazes pesquisados do que entre as moças, e nossos dados mostram que, na média, os parceiros destas são até três anos mais velhos do que elas. Uma informação também importante é que as adolescentes negras se iniciam sexualmente mais precocemente do que as brancas, dado que nos sugere que as mesmas ainda são vistas como mais como parceiras sexuais, um estereótipo que vem marcando a mulher negra desde os tempos da escravidão. Os adolescentes masculinos apresentam um perfil de iniciação sexual ligeiramente diferente e menos vulnerável, e se iniciaram sexualmente com meninas que eram, em média, um ano mais velhas do que eles.

No que tange ao exercício da sexualidade, aqui trabalhado por meio da masturbação, observamos que esta se apresenta como um tabu e que sua prática é profundamente marcada pelo gênero, bem como pelo pertencimento religioso.

O grupo de discentes, que responderam o questionário, bem como os/as docentes entrevistados/as não conseguiram conceituar corretamente o termo sexualidade. Isso se caracteriza como um fato grave, mas que pode ser explicado pela forma natural e biológica que a educação sexual é tratada nas salas de aula. Para estudantes e professores/as, a sexualidade está vinculada aos genitais, ao sexo, ao desenvolvimento do corpo; conceituações que nem sequer chegam perto do real significado deste termo.

Uma análise de três coleções de livros, que fazem parte do PNLD, nos mostra que seus conteúdos são extremamente biológicos e naturalizantes, não havendo nas mesmas margens e/ou espaço para discussões de cunho cultural, social, econômico e religioso. Com este tripé formado pelo: 1) desconhecimento por parte dos discentes; 2) despreparo dos/as docentes; e 3) livros nos quais a temá-

tica é tratada como descrito acima, não se pode esperar um processo de ensino e aprendizagem inclusivo, dinâmico e que propicie tanto a formação quanto a educação para que a prática sexual seja libertadora, plena e segura.

A realidade aqui descrita vai de encontro ao preconizado pelos PCNs e a mesma apenas poderá ser modificada caso os/as profissionais bem como livros passem a adotar uma nova postura para abordarem o assunto, pois na atualidade há uma nítida contradição entre o que preconizam os PCNs a atuação dos docentes e o conteúdo dos livros, caso contrário esta importante inclusão, pouco mais será que um letra morta em nossos livros e escolas.

Com o panorama aqui apresentado a educação sexual e a sexualidade perdem sua perspectiva cultural esvaindo-se também excelentes oportunidades de contextualização destes assuntos diante de discentes que convivem, mas nem sempre valorizam a grande diversidade de nossa sociedade contemporânea.

As novas perspectivas para a discussão do tema, terão mais chances de serem desenvolvidas, quando nossos/as docentes sentirem-se mais a vontade para trabalhá-lo, algo que irá exigir que os/as mesmos/as, independentemente de seu curso graduação, já tenham, pelo menos tido contato com a temática por meio de componentes curriculares.

## Notas

1 Este tratamento assimétrico foi imortalizado pela obra: "Amar verbo intransitivo". Romance escrito em 1927 por Mário de Andrade. Na obra, o autor descreve a iniciação sexual de um jovem da alta burguesia paulista (Carlos), que é iniciado sexualmente por uma prostituta alemã (Elza).

2 Na Suécia, essas discussões tornaram-se obrigatórias nas escolas desde 1955. Na Dinamarca em 1970, e na França em 1973 (WEREBE, 1998).

3 O artigo foi publicado, originalmente, em 5 de janeiro de 1995.

4 O termo poluição vem de poluir, um significado que precisa ser discutido e resignificado.

5 No ano de 2014 uma importante rede de televisão lançou uma série na qual as mulheres negras também eram retratadas como objetos sexuais. Esta percepção também atinge os

homens. Isso pode ser ouvido na música, *Meu ébano* (2009), interpretada pela cantora Alcione, “A Marrom” na qual o este é reduzido a “melanina cheirando a paixão [...] A sensualidade da raça é um dom”.

7 Esta colocação se articula ao medo da falha, e, consequentemente, articula-se muito bem com uma prática levado a efeito por muitos dos rapazes, a de ingerir algum tipo de estimulante que garantisse sucesso em sua relação sexual.

8 A inserção do Antigo Egito atenderia a uma exigência surgida a partir da Lei 10639/2003, a qual determina que temas voltados para a população negra sejam levados e discutidos em sala de aula.

9 <https://www.paulinas.org.br/loja/?system=produtos&action=detalhes&produto=501115>

10 Observatório de Ciências, componente curricular: Ciências 8º ano, Editora Moderna, 2013.

11 Companhia das Ciências, componente curricular: Ciências 8º ano, Editora Saraiva, 2013.

12 Projeto Teláris, componente curricular: Ciências 8º ano, Editora Ática, 2013.

## Referências

ALMEIDA, Maria Conceição Chagas; AQUINO, Estela M. Leão; GAFFIKIN, Lynn; MAGNANI, Robert J. Uso de contracepção por adolescentes de escolas públicas da Bahia. *Revista de Saúde Pública*, n. 37, p. 566-75, 2003.

ALTMANN, Helena. **Orientação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Estudos Feministas, Florianópolis, v.9, n.2, p.575-585, 2001.

ALTMANN, Helena; MARTINS, Carlos. J. **Educação sexual: ética, liberdade e autonomia**. Educar, Curitiba, v. 35, p. 63-80, 2009. Editora UFPR.

AQUINO, Estel M. L.; Araújo, Maria Jenny; ALMEIDA, Maria da Conceição. Aspectos metodológicos, operacionais e éticos da pesquisa Gravada. *In: O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Organização Heilborn, et al. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006, 98:136.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo** (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trans.). Lisboa: Edições 70, 2006. (Obra original publicada em 1977)

BOCHNIAK, Regina. **Questionar o conhecimento: interdisciplinaridade na escola**. São Paulo: Loyola, 1992.147p.

BOZON, Michel. Amor, sexualidade e relações sociais de sexo na França contemporânea. *Revista de Estudos Feministas*, n.1, p. 122-135, 1995.

BOZON, Michel; HEILBORN, Maria Luíza. As características da população estudada. *In: O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Organização Heilborn, et al. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006, 137:154.

BOZON, Michel; HEILBORN, Maria Luíza. Iniciação à sexualidade: modos de socialização, interações de gênero e trajetórias individuais. *In: O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Organização Heilborn, et al. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006, 155:2193.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam; DA SILVA, Lorena Bernadete. **Juventudes e sexualidade**. 2004.

CARDOSO, Denise Machado; SILVA, Marcelo Ricardo Dos Santos. Uma análise sobre a sexualidade e a influência da mídia na adolescência: identidade cultural contemporânea entre adolescentes de uma escola de Belém. *Revista do Dífere*, v. 3, n. 6, 2013.

CAVALCANTE, Ilane Ferreira; MORAIS, Maria A. Câmara. Lendo o amor e a sexualidade na revista Realidade. *In: CARVALHO, Maria Eulina P.; PEREIRA, Maria Zuleide. Gênero e educação: múltiplas faces*. João Pessoa, Editora da UFPB, 2003.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. **Gênero, sexualidade e educação: notas para uma “Epistemologia”**. Educar, Curitiba, n. 35, p. 37-51, 2009.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida**. 12 ed. São Paulo, Editora Brasiliense. 1991.

CIURANA, Emílio. Pensar os sete saberes necessários à educação para uma política de civilização na era planetária. *In: Moraes, Maria C.; ALMEIDA, Maria C. Os sete saberes necessários à educação do presente*, Rio de Janeiro, Wak, 2012.

DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral. A dupla linguagem do desejo na Igreja Evangélica Bola de Neve. *Relig. soc.*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 1, July 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010085872010000100004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010085872010000100004&lng=en&nrm=iso)>. Acessado em 31 Mar. 2015.

DELIZOICOV, Demetrio; PERNAMBUCO, Marta Maria; ANGOTTI, José André. **Ensino de Ciências: Fundamentos e Métodos. Docência Em Formação**. São Paulo, Cortez, 2002.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade 1**. A vontade de saber. 21ª ed., São Paulo, 2011. Trad.: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque.

GEWANDSZNAJDER, Fernando. **Ciências nosso corpo**. São Paulo, 1ª ed. Editora Ática, 2012.

- GONCALVES, Helen et al. Determinantes sociais da iniciação sexual precoce na coorte de nascimentos de 1982 a 2004-5, Pelotas, RS. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 42, supl. 2, Dec. 2008.
- GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL, São Paulo, Editora Nova Cultural, 2008.
- HEILBORN, Maria Luíza; BOZON, Michel. Valores sobre sexualidade e elenco de práticas: tensões entre modernização diferencial e lógicas tradicionais. In: **O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Organização Heilborn, et al. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006, 212:265.
- HEILBORN, Maria Luíza; CABRAL, Cristiane S. Práticas e normas sexuais de jovens brasileiros. Disponível em: <[http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=19&ved=0CEsQFjAIOAo&url=http%3A%2F%2Fwww.abep.nepo.unicamp.br%2Fsite\\_eventos\\_abep%2FPDF%2FABEP2004\\_794.pdf&ei=YEdWvCC-KMKggwSG\\_oH4DQ&usq=AFQjCNFOqz1Hu0PhZWSaDeg92nrafirb7g&sig2=sXABOIKZFCW2NLL7XvgQSQ](http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=19&ved=0CEsQFjAIOAo&url=http%3A%2F%2Fwww.abep.nepo.unicamp.br%2Fsite_eventos_abep%2FPDF%2FABEP2004_794.pdf&ei=YEdWvCC-KMKggwSG_oH4DQ&usq=AFQjCNFOqz1Hu0PhZWSaDeg92nrafirb7g&sig2=sXABOIKZFCW2NLL7XvgQSQ)>. Acesso em 14 de maio de 2015.
- JABLONKA, Ivan. A infância ou a “viagem rumo à virilidade”. In: CORBIN, Alain. COURTINE, Jean-Jacques; VAGARELLO, Georges. **História da virilidade**. Petrópolis, Editora Vozes, 2013.
- KRASILCHIK, Myriam. **Prática de ensino de Biologia**. São Paulo, Edusp, 2004.
- LEITE, Alessandra Plácido Lima. Sexualidade na adolescência: conhecimentos, atitudes e práticas dos adolescentes estudantes do município de Maceió. *Revista brasileira de Ginecologia e Obstetrícia*, n. 2, p. 124, 2001.
- LOPES, Fernanda. Experiências desiguais ao nascer, viver, adoecer e morrer: Tópicos em saúde da população negra no Brasil. In: **Saúde de da população negra no Brasil: contribuições para a promoção da equidade**. Fundação Nacional de Saúde. - Brasília: Funasa, 2005.
- LORENCINI, Jr, Álvaro, Os sentidos da sexualidade: natureza, cultura e educação. In: **Sexualidade na escola. Alternativas teóricas e práticas**. MEYER, Dagmar. E.E. Cadernos de educação básica. Porto Alegre, Mediação, 1998.
- MANDARINO, Martha; SELLES, Sandra E.; ESCOVEDO, Márcia Serra. **Ensino de biologia: histórias e práticas em diferentes espaços educativos**, São Paulo, Editora Cortez, 2009.
- MARTINEZ, Marlene Castro W. **Adolescência, sexualidade e adis na família e no espaço escolar contemporâneos**. São Paulo, Arte e Ciência, 1998.
- MONTEIRO, Simone. **Qual prevenção, aids, sexualidade e gênero em uma favela carioca**. Editora da Fiocruz, Rio de Janeiro, 2002.
- MORIN, Edgar. **Cabeça bem-feita**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2010.
- NASCIMENTO, Elaine Ferreira do; GOMES, Romeu. Iniciação sexual masculina: conversas íntimas para fóruns privados. *Ciência saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 1101-1110, 2009. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232009000400016&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232009000400016&lng=en&nrm=iso)>. access on 15 May 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232009000400016>.
- NICOLESCU, Basarabetal (orgs) **Educação e transdisciplinaridade**. Tradução de VERO, Judite; Mello, Maria F. de; e SOMMERMAN, Américo. Brasília: UNESCO, 2000 (Edições UNESCO).
- NOVAES, J. A.; ARAÚJO, C. A. L.; BARBOSA, A. F. M. Iniciação sexual e o uso de preservativo: estudo realizado com adolescentes matriculados em escolas públicas e particulares da Grande João Pessoa. **Conceitos**. Agosto de 2005.
- PAIVA, Vera. **Fazendo arte com camisinha. Sexualidades de jovens em tempos de aids**. São Paulo, Summus editorial, 2000.
- PAIVA, Vera; ARANHA, Francisco; BASTOS, Francisco I. Opiniões e atitudes em relação à sexualidade: pesquisa de âmbito nacional, Brasil 2005. *Revista de Saúde Pública*, v. 42, supl. 1, p. 54-64, 2008. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-89102008000800008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102008000800008&lng=en&nrm=iso)>. access on 15 May 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102008000800008>
- PARAGUASSÚ, Ana Lúcia Costa Borges. Saúde reprodutiva pré e pós-estacional de adolescentes no município de feira de Santana, Bahia. **Sitientibus**, Feira de Santana, n.34, p.25-36, 2006.
- RENA, Luiz Carlos C. Branco. **Sexualidade e adolescência. As oficinas como prática pedagógica**. Autêntica, Belo Horizonte, 2001.
- ROSA, Carlos Augusto Proença. Biologia. In: ROSA, Carlos Augusto Proença. **História da Ciência: o pensamento científico e a Ciência no Século XIX**. Brasília: FUNAG, v. 2, t. 2, 2010, p. 232-302.
- RIBEIRO, Karla Carolina S.; SILVA, Josevânia; SALDANHA Ana Alayde W. Querer é poder? A ausência do uso de preservativo nos relatos de mulheres jovens. **DST - Jornal brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis**, v. 23, n.2, p. 84-89, 2011.
- ROSEMBERG, Fúlvia; ANDRADE, Leandro Feitosa. Ação afirmativa no ensino superior Brasileiro: a tensão entre raça/etnia e gênero. **Cadernos Pagu**, v. 31, p. 419-437, 2008.
- RUA, Maria das Graças.; ABRAMOVAY, Miriam. Avaliação das ações de prevenção às DST/Aids e uso indevido de drogas nas escolas de ensino fundamental e médio em capitais brasileiras. Brasília: UNESCO, Ministério da Saúde, Grupo Temático UNAIDS, UNODC, 2001.
- SAYÃO, Rosely. Saber sexo? Os problemas da informação sexual e o papel da escola. In: AQUINO, Julio Groppa. **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo, Summus Editorial, 1997.

SAYÃO, Yara. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In: AQUINO, Julio Groppa. **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo, Summus Editorial, 1997.

SANTOS, Sueli Maria dos Reis et al. Atividades sexuais e uso do preservativo por escolares adolescentes. **Interacções**, n. 25, p. 113-124, 2013.

SANTOS, Sônia C. Nóbrega. C. **Faces, discursos e práticas: visões e vivências da sexualidade e da saúde sexual entre adolescentes de uma escola pública de João Pessoa-PB**. Dissertação (mestrado). PPGE/UFPB. João Pessoa, 2014.

SILVA, Josiane Gomes da. Espaço das representações sexuais e eróticas no Egito Antigo. **Revista Espacialidades** [online], v. 5, n. 4, 2012.

SILVA, Cristiane Gonçalves da et al. Religiosidade, juventude e sexualidade: entre a autonomia e a rigidez. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 13, n. 4, Dec. 2008.

SILVA, Marluce Pereira da; MOURA, Carmen Brunelli de. Mídia e a figura do anormal na mira do sinóptico: a constituição discursiva de subjetividades femininas. **Revista de Estudos Feministas**. [online]. 2008, vol.16, n.3 [cited 2015-03-31], pp. 841-855.

SILVA, José Antonio Novaes; FONSECA, Ivonildes da Silva. **Gestantes Negras: vulnerabilidade, percepções de saúde e tratamento no pré-natal na Grande João Pessoa (Paraíba)**. João Pessoa, Editora Idéia, 2010.

SOARES, Karina Maria de Souza. **Educação para prevenção: o discurso de professoras de Ciências do Ensino Fundamental II em tempos de HIV/AIDS**. 2014. 95f. Dissertação (Mestrado em Educação). PPGE/UFPB. João Pessoa, 2014.

SOUZA, Hália Pauliv de. **Sexo, energia presente em casa e na escola**. São Paulo: Paulinas, 2002.

TAMAGNE, Florence. Mutações homossexuais In: CORBIN, Alain. COURTINE, Jean-Jacques; VAGARELLO, Georges. **História da virilidade**. Petrópolis, Editora Vozes, 2013.

VEIGA-NETO, Alfredo. Espaço e currículo. In: LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elisabeth (Org.). **Disciplinas e integração curricular: história e políticas**. Rio de Janeiro, DP&A, 2002. p. 201-220.

WEREBE, Maria José Garcia. **Sexualidade, política e educação**. Campinas, Editores Associados, 1998.

*Recebido em 10/04/2015.*

*Aceito em 21/05/2015.*

